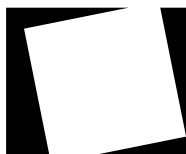


PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.28 n.48

Dez 2024

e-ISSN: 2179-8001

O desafio das ações mínimas

Sylvia Furegatti

Unicamp, Campinas, Brasil

ORCID: 0000-0002-8913-400

Resumo

Este ensaio fotográfico é resultado de uma residência artística realizada em várias localidades de Manaus, no ano de 2023. O conjunto de imagens selecionado para este dossiê apresenta ações mínimas derivadas do impacto da incursão ao interior da Floresta Amazônica e propõe-se a produzir uma perspectiva poética sobre as camadas do encontro que pode tecer o artista visual em contato físico e crítico com o ambiente da floresta, justo neste momento da urgência de nossas reflexões sobre o antropoceno. Dessa maneira, o trabalho tanto se soma quanto comenta sobre a miríade de processos artísticos interessados nas questões contemporâneas entre arte, paisagem e natureza.

Palavras-chave

Fotografia. Floresta Amazônica. Antropoceno.













Densas camadas de encontro

Este ensaio apresenta o conjunto de imagens derivadas do encontro com a floresta Amazônica em uma residência artística coletiva, formada por professores artistas de várias IESs do país, no ano de 2023¹. O Antropoceno e as relações que a arte pode nos oferecer para ressignificar nossa maneira de interagir com a natureza e as comunidades que se mantêm sustentavelmente vinculadas a ela, indicava o caminho do trabalho que nos aguardava. A experiência foi única e inaugural para mim, nesta visita ao interior da mata densa, mítica e em risco, que é a floresta Amazônica, em nossa atualidade. Esta contextualização inicial é importante por indicar tanto a sedução quanto o desafio ao qual me propus em uma viagem de adensamento dos limites da paisagem urbana como forma estruturante de minhas pesquisas poéticas organizadas por variadas formas de ação, intervenção e constituição própria do campo da arte pública e das espacialidades assumidas pela arte contemporânea. Compreender os modos de errância física e poética entre esses

polos, a cidade contemporânea e a floresta Amazônica, foi parte do processo de criação que ratificou a intensa preocupação sobre os papéis desempenhados pelos seres humanos nos modelos de sociedade e nas agendas da arte de hoje.

A densidade da informação que oferece a floresta na direção dos tipos, cores, significados simbólicos, medicinais ou ambientais das plantas foi muito impactante para a experiência vivida, de modo a ampliar minha pesquisa em curso há vários anos, sobre as formas, disposições e combinações espontâneas que podemos encontrar no chão tomado por folhas de plantas vivas, caídas no solo. Olhar para o chão é condição no interior da mata.

A abundância daquele manto de folhas que cobrem todo o chão da floresta é assim dificuldade e prazer para a operação artística que usualmente elaboro: encontrar e selecionar determinadas disposições de folhas que merecessem individuação e singularidade. Buscar nessa condição preexistente uma outra forma imagética cuja conformação possa sugerir o lugar exato a ser ocupado pelo humano e pelo vegetal na construção de um trabalho que se interessa mais pelos valores que o espaço em paisagem pode oferecer. Eu estava à procura desses indícios, de ordem mais geográfica que histórica. Foi assim que pude perceber que no processo da caída, do encontro entre elas no solo,

¹ O projeto que abrigava esta residência artística, uma exposição e variadas atividades em forma de palestras, visitas, seminário foi coordenado pela profa. Dra. Susana Dias (LABJOR Unicamp) sob o título de: "Perceber-fazer floresta: alianças entre artes, ciências e comunicações diante do Antropoceno" com financiamento Fapesp 2022/05981-9. Os professores-artistas que integraram a residência realizada em Manaus foram: Susana Dias, Sylvia Furegatti, Paulo Cesar Teles (Unicamp); Marina Guzzo (Unifesp); Lilian Maus (UFRGS); e a doutoranda Kellen Natalice Vilharva (Unicamp).

Densas camadas de encontro

dada a umidade e suas propriedades vegetais, essas folhas acabam por colar umas às outras, formando outras novas estruturas e combinações plásticas possíveis de serem reverberadas pela luminosidade muito particular da floresta que as acomodam. E esta configuração adensada pelo ambiente da floresta segue ocorrendo mesmo em suas bordas e no encontro com o espaço urbano.

As imagens fotográficas resultantes da caminhada pela floresta indiciam este trajeto que, vagarosamente, demarca a saída do interior da floresta para áreas mais abertas, algo urbanizadas por canteiros, caminhos e jardins que ainda assim apresentam árvores monumentais, áreas sombreadas e muito úmidas que produzem a sorte do encontro almejado.

Em seu livro “La ‘reflexión’ cotidiana” [1987] Humberto Giannini nos ensina que dispor-se ao encontro é condição social contemporânea rara, exige entrega e escuta, atenção e consideração sobre os limites de cada parte envolvida. Indica também deslocamento para o outro; projetar seu corpo em direção a algo ou alguém. Desse modo, o que incorporei foi que, no contato com a natureza, o empenho para a disponibilidade indica agir com cautela e minucia diante da monumentalidade. Na floresta, olhar para o chão e deitar os olhos em sua direção, a partir da base buscando intervir o menos possível, foi

a maneira que encontrei para incorporar aos meus procedimentos criativos, os devires da espacialização da arte em direção às camadas gradativas de densificação que o caminho para o campo, para o bosque e para a floresta nos oferecem refreando, acautelando, suspendendo o tempo das ações aflitas para um estado de certa dormência sedante e de beleza irretratável.

As pessoas que têm a chance dessa experiência passam a dispor de um espectro de sensibilidade mais amplo, mais integral. O encontro com a floresta é uma forma estética de urgência que atenta para a raridade das convivialidades que geram os ecossistemas dos quais fazemos parte e que, tem, cada uma à sua maneira, conclamado nossa atenção ao papel constelar que temos desempenhado no planeta.

Legenda das imagens:

Sylvia Furegatti

Camadas do encontro – Manaus 1, 2, 3, 4 e 5

Fotografia digital impressa em papel algodão e pigmento mineral, 68 x 88 cm, 2024

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.28 n.48

Dez 2024

e-ISSN: 2179-8001

SYLVIA FUREGATTI

Professora associada, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais do Instituto de Artes da Unicamp. Atua como artista visual, curadora e pesquisadora das relações entre arte, espaço urbano, natureza e paisagem. É fundadora do Grupo Pparalelo de Arte Contemporânea (www.pplartgroup.net). Desde 2019, é coordenadora nacional do Grupo de Estudos sobre Arte Pública no Brasil (GEAP BR) e vice-coordenadora do *Grupo de Estudio sobre Arte Publico en Latinoamerica* (GEAP LA). Atualmente ocupa o cargo de Diretora de Cultura (DCult) da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (ProEEC) da Unicamp.